

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**MARIA DO ROSÁRIO LINHARES DE SOUSA**

**A INTERRELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO NO PROCESSO DE  
AQUISIÇÃO DA LEITURA**

**Cajazeiras -PB  
2010**

**MARIA DO ROSÁRIO LINHARES DE SOUSA**

**A INTERRELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO NO PROCESSO DE  
AQUISIÇÃO DA LEITURA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação de Pedagogia da Unidade Acadêmica de Educação da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, sob a orientação da Professora Dr<sup>a</sup>. Zildene Francisca Pereira.

**Cajazeiras -PB  
2010**



S725i Sousa, Maria do Rosário Linhares de.  
A interrelação professor/aluno no processo de aquisição da leitura / Maria do Rosário Linhares de Sousa. - Cajazeiras, 2010.  
27p.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia)Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2010.  
Contém Bibliografia.  
Não disponível em CD.

1. Relação professor-aluno. 2. Leitura e escrita. 3. Aprendizagem de leitura. I. Pereira, Zildene Francisca. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 37.064.2

## **Agradecimentos**

À Deus, que me deu o dom e a capacidade para escrever este trabalho;

À minha professora Zildene Pereira, por toda ajuda e colaboração durante a escrita da monografia;

Ao professor Francisco Helder Linhares de Sousa, pela correção lingüística deste estudo.

Aos meus pais, tia Maria Rodrigues Linhares e ao meu esposo Jarbas, que me motivaram nas horas mais difíceis no decorrer do curso.

## Resumo

Esta monografia aborda a interrelação professor-aluno no processo de aquisição da leitura e da escrita, a partir da seguinte questão: de que maneira a relação professor-aluno interfere no processo de aprendizagem da leitura de crianças do 2º ano do Ensino fundamental. Para responder a esse questionamento formulamos os seguintes objetivos: Analisar aspectos relevantes de ensino-aprendizagem viabilizados por diversas formas de interação e diálogo; identificar dificuldades existentes na relação professor-aluno que favorecem ou prejudicam o processo ensino-aprendizagem, além disso, observar como o processo de desenvolvimento de crianças, pode ser transformado pelas interações e relações de ensino no âmbito da sala de aula. Esta pesquisa apresenta uma contextualização da assimilação da leitura no ambiente da sala de aula, atentando para o fato de que as relações interpessoais podem afetar de maneira imediata a tão almejada aquisição da leitura. Sendo assim, como pressupostos teóricos, elencamos: Alonso (2003); Barbosa (2004); Neto (1994); Ferreiro (1992); Lemle (1987); Terzi (1995) que trabalham com a temática. Esta pesquisa foi realizada com cinco alunos do 2º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública da cidade de Jericó/PB. Dessa forma, esse estudo divide-se em três capítulos, o qual o primeiro expõe uma breve discussão teórica sobre a importância da leitura. Já o segundo aborda os Procedimentos Metodológicos a partir da importância da relação pesquisador-sujeito e os instrumentos de coleta de dados. Por fim, no terceiro capítulo trazemos os resultados da pesquisa que revelam os pontos negativos e positivos quanto ao ensino de leitura, fornecendo pistas para modificarmos a leitura mecânica/decodificadora em reflexiva/crítica. Por isso, finalizamos nossas abordagens apontando a importância da relação professor-aluno para que a aprendizagem da leitura ganhe novo sentido independente dos contextos situacionais, dentro ou fora da escola.

**Palavras-chave:** Relação professor-aluno; Leitura; Ensino-aprendizagem.

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>6</b>
1. Relação professor-aluno no processo de assimilação da leitura.....	11
2. Procedimentos Metodológicos.....	17
3. O cotidiano da sala de aula na compreensão de educandos.....	20
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>26</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>27</b>
<b>APÊNDICE A.....</b>	<b>28</b>

## Introdução

Ao iniciarmos a graduação em Letras, em 2004.1, imaginávamos que além de estudar a língua materna em aspectos amplos, aprofundaríamos nossos conhecimentos sobre técnicas didático-pedagógicas relacionadas às séries iniciais do Ensino Fundamental I e II, como também do Ensino Médio.

Sendo assim, no primeiro momento percebíamos que o entusiasmo dos educandos era grande, pois o curso era na Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. Contudo, ao passar do tempo o referido entusiasmo foi-se amenizando mediante as dificuldades enfrentadas, sobretudo, nos aspectos de infra-estrutura, curriculares e, sobretudo, de valorização do profissional do magistério. Além disso, éramos uma turma que dependíamos dos docentes, pois não tínhamos uma biblioteca no *campus*, limitando nosso processo de aprendizagem à xérox de materiais bibliográficos. Mesmo assim, tentávamos tornar ricas as discussões em torno do ensino de língua, sobretudo, nos campos lingüísticos e literários.

Nessa perspectiva, ao abordarmos os estudos de língua e literatura constatamos lacunas profundas na graduação em Letras, haja vista que ficaram pendentes possíveis abordagens teóricas sobre as inúmeras regras estabelecidas para o domínio da norma culta. De fato, estudávamos o saber gramatical superficialmente. Por sua vez, os educadores nos deixavam claro que, enquanto estudantes do curso de Letras éramos detentores de uma bagagem intelectual apurada, uma vez que, estávamos no curso superior. Alguns professores não percebiam que a grande maioria era oriunda de escolas públicas sem muitos recursos, como também trabalhavam, residiam fora, o que influenciava negativamente o processo de ensino-aprendizagem.

Nesse processo, existia na turma uma necessidade em aprender métodos eficazes de ensino, sendo, no entanto, preenchidos apenas com dicas que nos induziam as mesmas reflexões filosóficas sobre algumas temáticas estudadas, e os seus respectivos teóricos.

A esse respeito, Barbosa (2004, p. 290 - 291) diz que

É importante lembrar, no caso das licenciaturas, que o conhecimento do conteúdo específico a ser dominado pelo futuro professor deve incluir também os conhecimentos do conteúdo específico do ensino fundamental e médio que irão ensinar.

Muitas vezes, dar-se por garantido o domínio de tais conteúdos e estes não são mais tratados nos cursos superiores. Embora o conhecimento do conteúdo específico seja necessário ao ensino, o domínio de tal conhecimento, por si só, não garante que ele seja ensinado e aprendido com sucesso. É necessário, mas não suficiente.

Neste sentido, o ensino superior, específico à língua vernácula, é pautado com base em parâmetros técnicos que nos levam a estudos e reflexões sobre escolas e teorias da arte literária ou não, que vieram através dos tempos, influenciar as mais variadas e permanentes nuances da língua portuguesa. Deixam-se, em segundo plano uma formação de professores pautadas na interação dos saberes, bem como, de língua como uma prática sóciointerativa de base cognitiva e histórica.

Contudo, a graduação em Letras foi uma experiência rica, mas, penso que poderia ter nos esforçado mais na busca do aprimoramento do conhecimento lingüístico e literário, e assim burlar as dificuldades, sem culpar só os educadores que assim como nós, também enfrentara as dificuldades de uma turma pioneira.

Com base nessa experiência em Letras, optamos agora em evidenciar o curso de Pedagogia, pertencente à Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Ao entrarmos fora de blocagem convivemos com turmas e em períodos diferentes. Sendo assim, percebemos que as Licenciaturas em Letras e Pedagogia, apesar de serem cursos específicos à formação de professores, mostram-se diversificadas, característica também detectada no alunado.

Os educandos da área de Letras eram mais individualistas, cada qual queriam mostrar uma intelectualidade apurada em torno das discussões, o que, de certa forma, acabava por excluir aqueles mais tímidos. Já no curso de Pedagogia, observamos que as discussões teóricas são aliadas a experiências, sendo que estes educandos são mais inclusivos, favorecendo uma discussão mais abrangente.

Existem alguns discursos que afirmam ser a Graduação em Pedagogia técnica e que a mesma deveria primar muito mais pela prática. Nesse sentido, o curso de Pedagogia é o que realmente prepara professores, a partir da análise dos aspectos: físico, didático pedagógico, teórico, relação professor–aluno e destes com a construção do conhecimento.



Há certa relevância em analisar o aprimoramento da prática, o que é de suma importância para se enfrentar uma realidade tão diversificada e exclusiva, que, nos dias atuais, assola a instituição escolar. Tal posicionamento é ratificado por Barbosa (2004, p. 291) quando afirma que

As práticas de ensino e estágio supervisionado são espaços privilegiados para tanto. Para que isso ocorra com relativo sucesso, tanto o formador quanto os professores das escolas teriam que desenvolver um trabalho de parceria que tivesse como foco a iniciação sistematizada e problematizada do futuro professor em atividades contextualizadas de ensino e aprendizagem em contextos escolares.

Por meio de tantas inquietações sobre a prática docente, visamos refletir sobre a inter-relação professor/aluno no processo de aquisição da leitura, ressaltando a viabilização ou não de situações constrangedoras, as quais contribuam com o fracasso escolar. Essas situações ocorrem face ao despreparo de alguns educadores que nunca passaram em uma sala de curso normal, como também graduandos de licenciaturas diferentes da área em atuação, que inseguros na profissão, acabam através de sua prática por retardar a assimilação da leitura por parte de alunos.

A temática da interrelação professor-aluno no processo de aquisição da leitura, desperta curiosidades, pois, sempre escutamos nos discursos de alguns professores a afirmativa de que os "alunos não querem nada, essas crianças dão muito trabalho, são inquietas e costumam perturbar as demais". Com essas afirmações, sempre vemos uma ou outra criança no passeio da escola na hora da aula, isso, quando seus educadores não a colocam para casa. Casos como estes quando se tornam repetitivos provocam desistências por parte dos alunos.

Com base nessas reflexões, elaboramos a seguinte questão norteadora de nossa pesquisa: de que maneira a relação professor/aluno interfere no processo de aprendizagem da leitura de crianças do 2º ano do Ensino fundamental.

Para respondê-la formulamos os seguintes objetivos: analisar aspectos relevantes de ensino-aprendizagem viabilizados por diversas formas de interação e diálogo; identificar dificuldades existentes na relação professor-aluno que favorecem ou prejudicam o processo ensino-aprendizagem e observar como o processo de desenvolvimento de crianças pode ser transformado pelas relações de ensino em sala de aula.

Penso que essa temática já serviu de suporte para inúmeras discussões acadêmicas tamanha a sua importância, porém, percebo que há muitas lacunas a serem supridas, o que é comprovado com a enorme quantidade de analfabetos existentes no nosso país.

Sabemos que a leitura é um dos elementos principais que compõem a apropriação do saber da escrita. Diferenciar e saber juntar palavras atribuindo-lhes significados, são aspectos importantes para o desenvolvimento do indivíduo emocional, social e intelectual.

De acordo com Martins (1994), compreendemos que aprender a ler é também entender as situações que ocorrem ao nosso redor, na escola ou fora dela, com isso a função do educador não é apenas o de ensinar a codificação e decodificação da língua, e sim criar condições para o educando realizar sua própria aprendizagem, fazendo com que ele se sinta livre para ir além, e assim abstrair informações, produzindo conhecimento e expandindo sua compreensão de mundo.

Nesse sentido, devemos nos conscientizar de que no processo ensino-aprendizagem da leitura há um desmembramento por parte dos educadores do sistema técnico tradicionalista que se caracteriza pelo ensino de codificação de som, letras e sílabas, reprimindo a criança de uma aprendizagem realmente significativa, aproximando a cultura da escola a cultura do educando, considerando seu cotidiano e favorecendo, assim, a aprendizagem através de um constante diálogo.

A partir dessas considerações, dividimos esse estudo em três capítulos. O primeiro aborda o processo de assimilação da leitura nos anos iniciais da aprendizagem escolar, em meio a aspectos positivos e negativos provenientes da relação professor/aluno. O segundo, referente aos Procedimentos Metodológicos, mostra uma explanação sobre o objeto de estudo, que são alunos matriculados no segundo ano de uma Escola Pública Municipal de Ensino Fundamental na cidade de Jericó, na Paraíba. Para isso, adentramos no universo da escola a fim de observar o espaço físico, a parte administrativa e pedagógica, como também a convivência social de todos, enquanto comunidade escolar, para assim, entender a realidade do educando, seus direitos e suas limitações. Apresento as técnicas utilizadas para a coleta de informações que foram as observações em sala de aula e a entrevista semi-estruturada, realizada individualmente.

Por fim, no último capítulo se encontra a análise dos dados. Essa é uma das partes mais importantes deste trabalho, uma vez que, mostramos uma coleta de informações dos sujeitos da pesquisa e, assim, com base nessas informações realizamos um confronto de idéias entre a relação teoria/prática.

## 1. Relação professor-aluno no processo de assimilação da leitura.

As crianças são facilmente alfabetizáveis; os adultos é que dificultam o processo de alfabetização para elas.

Emília Ferreiro (1992)

Sabemos o quanto é fascinante o mundo das letras, saber identificar e entender o que significa aqueles pontinhos pretos escritos no papel, e nesse compasso poder decifrar, mencionar ou cantar, através da linguagem é algo almejado por muitos.

O certo nas sociedades, é que as crianças quando pequenas iniciem seus primeiros passos rumo ao domínio das letras e aprimoramento da língua materna, mas nem sempre é o que acontece. Em vias disso a instituição escolar é incumbida de responsabilizar-se pelo ensino/aprendizagem sistematizados de crianças em diferentes faixas etárias.

Nesse sentido, sabemos que o ensino nas séries iniciais é a preparação para as séries seguintes, sendo necessário todo um acompanhamento que favoreça a criança no seu processo de desenvolvimento. Com isto, é essencial que seja dada a devida importância a este período.

Antes das crianças ingressarem na escola já trazem consigo um conhecimento de mundo da realidade ao qual fazem parte a partir da convivência com os pais e diferentes pessoas da comunidade e são os pais que oportunizam as primeiras aprendizagens. Quando uma criança vive em um lar onde são relevantes os momentos de leitura e escrita esses eventos terão significados em sua vida. Diferentemente daquelas que não vivem esse tipo de atividades em casa. Para Terzi (1995, p. 14)

[...] o domínio da leitura antes de a criança iniciar a primeira série é um fator determinante de seu bom desenvolvimento como leitora. Ou seja, o fato de a criança estar inserida numa cultura letrada, tem uma influência positiva, significativa em seu progresso em leitura nas primeiras séries escolares.

Podemos destacar que quando a criança é exposta desde cedo, a eventos relacionados à leitura e a escrita ela poderá desenvolver hábitos diferentes daqueles que não vivenciaram esse tipo de atividades para além daqueles

experenciados na escola. É natural que os pais aguardem ansiosos a idade determinada para que seus filhos possam iniciar sua vida estudantil. Porém, para que se configure uma educação efetiva, que supra todas as dúvidas levantadas ao longo do processo ensino/aprendizagem, há que se ter um consenso e participação entre escola e comunidade, com base na reflexão e no diálogo. Segundo Terzi (1995, p.25)

[...] A criança poderá participar do processo ensino/aprendizagem pela própria relevância atribuída ao saber, por considerar que tal conhecimento lhe trará benefícios futuros, ou porque lhe possibilitará a aprovação para a série seguinte, poderá engajar-se na interação para agradar a professora, para atender as expectativas dos pais. Porém, em qualquer dos casos temos, na base uma decisão de valor que reflete crenças e valores sociais.

A instituição escolar é vista como uma luz no fim do túnel no que tange a preparação do indivíduo para o futuro mercado de trabalho, para a internalização e construção de valores, para a propagação do respeito mútuo aos gêneros, as etnias e a diversidade cultural, ou seja, a sociedade espera e cobra da escola uma formação ética e moral dos educandos.

Mediante essa discussão, sabemos que há uma gama de programas e propostas pedagógicas por parte do Estado destinado aos educadores em busca de amenizar o fracasso escolar, especialmente daquelas crianças que chegam ao final do Ensino Fundamental sem saber ler e escrever. Porém, ainda são alarmantes os índices de analfabetismo, repetência e evasão nas escolas públicas.

Podemos destacar que, na atuação do profissional da área de educação há que se ter no mínimo o curso profissionalizante normal médio. Porém, existem no país, inúmeros indivíduos, nesta área, sem ter nenhuma experiência na educação, isso ocorre por causa da política partidária existente, especialmente nas cidades do interior. Há também profissionais que possuem uma formação não específica, intervindo nas salas de aulas, e ainda aqueles que, terminam sua graduação sem muito embasamento teórico. Esses aspectos juntamente aos baixos salários e as péssimas condições de estrutura física e materiais da escola é que promovem a exclusão da criança do ambiente escolar. Esses são fatores

que contribuem de maneira negativa no ensino sistematizado, criando um círculo vicioso de faz de conta que ensino e aprendo.

Por outro lado, o processo de alfabetização é bastante complexo e que até chegar no 2º ano do Ensino Fundamental a criança não tem uma bagagem muito nítida sobre a leitura sistematizada. Em um primeiro momento, em sala de aula, o professor deverá através da interação e do diálogo, conhecer o seu educando, considerando o seu conhecimento de mundo, pois falar e escutar, além de ler e escrever, são ações que permitem conseqüentemente produzir e entender os textos a partir do sentido e significado atribuído por cada criança. Segundo Terzi (1995, p.25) existem crianças

[...] de comunidades iletradas que vêem pouca função para a escrita, o trabalho com esta só será bem sucedido se tiver um sentido para a criança. É necessário que a introdução dessas crianças à escrita permita-lhes construir um fator de valorização para a aprendizagem. Copiar palavras sem considerar seu significado, não tem com certeza, sentido para a criança e não a fará aprender a ler e escrever.

A partir do momento que a leitura e a escrita é trabalhada de forma descontextualizada da vida, dos contextos sociais aos quais os alunos estão inseridos, torna-se inviável uma aprendizagem significativa. Sabemos que a prática educativa ao longo dos anos foi calcada com base em concepções tradicionais, em que o educador era o principal ator do processo ensino/aprendizagem, depositando no aluno informações que a este cabia apenas internalizar.

Hoje a instituição escolar preza por uma nova concepção pedagógica, em que o educando é sujeito da aprendizagem. O mesmo por intermédio do educador produz conhecimento tendo liberdade para interpretar, se expressar e criar condições que favoreçam o aprendizado sistematizado da leitura e da escrita.

Por essa razão enquanto educadores é preciso que estejamos preparados para nos adaptarmos ao novo, pois conforme nos expõe Alonso (2003, p. 10)

Vivemos uma época que em nada se assemelha a outras vividas por nossos antepassados e para qual não fomos preparados, o que resulta em não termos referências para enfrentar os desafios com que nos defrontamos. Tudo aquilo que nos dava certeza, hoje gera insegurança. A própria ciência, que nos

oferecia princípios e permitia conclusões razoavelmente estáveis, apresenta-se hoje repleta de dúvidas, com explicações provisórias, permitindo interpretações diversas se não contraditórias para os fenômenos.

Ao abordarmos sobre a aprendizagem da leitura, observamos que os educadores por falta de tempo ou acomodação engajam-se em expor apenas o que está contido no livro didático. Sem chamar, através de técnicas diversificadas, a atenção do educando para uma leitura prazerosa, proporcionando o ato de ler por ler, sem incentivo, ou seja, sem estímulo. A esse respeito, Lemle (1987, p.6) aponta que

É claro que, além dos conhecimentos básicos, o alfabetizador precisa de outros dons para se sair bem. Ele deve ter respeito pelos alunos, evitar o papel de cúmplice de um sistema interessado em manter esmagada uma grande parte do seu povo, confiar na capacidade de desenvolvimento dos alunos e ter criatividade, inventividade, iniciativa, combatividade e fé na sua capacidade de tornar este mundo melhor.

Ainda sobre esse aspecto, Terzi (1995, p.24) também nos assegura que

A confiança mútua pressupõe o respeito mútuo: respeito do professor para com o aluno como ser humano, o conhecimento que traz consigo, sua maneira de aprender, seu ritmo de aprendizagem; respeito do aluno para com o professor como aquele que sabe mais e que, como tal, está em condições de orientar o processo ensino/aprendizagem.

Assim, da forma como existem educadores autoritários em sala de aula que não levam em consideração o conhecimento prévio do aluno, há os que buscam conhecer seu lugar de origem, que procuram metodologias de fácil compreensão, produzindo conhecimento a partir das indagações e afirmações dos educandos, deixando-os livres para buscarem compreensão da leitura, sem medo, favorecendo uma aprendizagem em meio ao respeito e ao carinho.

Entendemos que o papel da instituição escolar é ampliar os conhecimentos das crianças. Nesse aspecto é importante que os professores observem o que esses aprendentes sabem, deixando-os se expressarem livremente. Com isso, o educador perceberá o que as crianças estão sentindo, redimensionando sua

prática, focalizando uma educação que se faz através da interação “*criança-criança e criança-professor*”.

Em face disso, Martins (1994, p.23) argumenta que aprendemos a ler a partir do nosso contexto. E nesse sentido temos que valorizá-lo para assim, ampliarmos nosso conhecimento. Seria ingênuo de nossa parte, pensar que apenas mudar os métodos e técnicas de ensinar a ler e escrever a língua materna resolveria os problemas educacionais.

Nesta perspectiva, constata-se que, muitas vezes, no processo ensino/aprendizagem prevalece à pedagogia do sacrifício, do aprender por aprender, sem se colocar o porquê, como e para que, impossibilitando compreender verdadeiramente a função da leitura, o seu papel na vida do indivíduo e da sociedade.

A esse respeito, Martins (1994, p.23) cita que

Apesar de séculos de civilização, as coisas hoje não são muito diferentes. Muitos educadores não conseguiram superar a prática formalista e mecânica, enquanto para a maioria dos educandos aprender a ler se resume a decoreba de signos lingüísticos, por mais que se doure a pílula com métodos sofisticados e supostamente desalienantes.

Possibilitar à criança um ensino para além da técnica de sons, letras e sílabas isoladas que impedem a verdadeira liberdade de expressão infantil é tarefa que deve ser sempre repensada pelos educadores. Nesse sentido, o professor tem a responsabilidade de organizar atividades nas quais se desdobre um jogo de participação ativa, rica em relações sociais, ou seja, atividades de leitura e de escrita compartilhadas com situações de discussões e argumentações incluindo elementos essenciais para a co-construção do conhecimento.

Existe uma infinidade de gêneros textuais que o professor pode utilizar para provocar no seu educando o interesse por diferentes tipos de leituras, como também inúmeras táticas que o mesmo pode se valer para diferenciar o processo ensino/aprendizagem. Porém, ressaltamos que só a utilização de táticas diferenciadas pelo professor não garantirá que os seus educandos sejam leitores. É preciso que o seu ambiente familiar seja também letrado, para que o educando sinta-se induzido a leitura constante. Segundo Martins (1994, p.33): “Ler significa inteirar-se do mundo sendo também uma forma de conquistar autonomia, de deixar de ler pelos olhos de outrem”.



Com isso, vemos que há muitas maneiras pelas quais as crianças podem ter experiências com a linguagem escrita, e o professor como dinamizador de sua sala, pode explorar ao máximo os diferentes livros infantis, contos, anedotas, parlendas, entre outros recursos da linguagem, instigando uma aula mais atrativa e prazerosa através de música, jogos e brincadeiras.

É imprescindível, enfatizarmos no processo ensino/aprendizagem da leitura a importância dos laços de afetividade e cumplicidade entre educador/educando como um fator de suma importância para o processo de aquisição da leitura. Para tanto, compreender o ensino da língua deve deixar de ser um ensino calcado no mero reconhecimento e responsabilidade do posto pelo professor ou do escrito no livro didático, e passar a ser um ensino processual que confira ao aluno maiores condições de formar a sua identidade lingüística, entendendo dessa forma, que a linguagem está sujeita a possíveis variações. Passando, portanto da reprodução a produção e do reconhecimento ao conhecimento.

Portanto, construir uma legitimidade que não se assente tão somente na autoridade do professor que exige que o trabalho de produção e de leitura esteja voltado para a realidade dos alunos, de modo que o que se tenha a dizer e o dito sejam completamente apreendidos e sejam frutos da inteligência e compreensão sobre a realidade que lhes é própria. Devemos fazê-los reconhecer que se pode ir ao texto em busca de respostas e perguntas: para escutá-lo; para retirar aquilo que ele pode nos oferecer na plenitude e não apenas uma resposta, para usá-lo na produção de outros textos ou tarefas, por fim, para ler o texto despreziosamente.

## 2. Procedimentos Metodológicos

A interrelação professor-aluno no processo de aquisição da leitura é um tema de suma importância, visto que, a aprendizagem da leitura para crianças é um processo complexo, que, se não for refletido por educadores que facilitem a aprendizagem, com metodologias diferenciadas e de fácil compreensão, poderá acarretar danos irreversíveis na aquisição do conhecimento.

Existem inúmeros fatores, quer físicos, sociais ou culturais, que fazem com que um indivíduo não progrida ou mesmo que o leve a abandonar a instituição escolar. Nesta perspectiva, chama-nos a atenção o fato de alguns professores em seus discursos reclamarem dizendo que alfabetizar é tarefa difícil, que os alunos não gostam de ler e que, os mesmos chegam a outras séries sem saber nem as vogais, nem as consoantes que dirá ler um pequeno texto.

Por essas razões optamos pesquisar de que maneira a relação professor/aluno interfere no contexto da sala de aula para entender como as formas de mediação do ensino, a maneira de interagir e dialogar em sala de aula pode provocar situações desconfortantes que cheguem a prejudicar o processo ensino/aprendizagem da leitura de crianças e até mesmo seu desenvolvimento no âmbito da sala de aula. Isto, na tentativa de minimizar as dificuldades de leitura experienciados por alunos, esse é nosso principal intuito, especialmente considerando os inúmeros fatores que contribuem para o fracasso escolar.

Nesta perspectiva, fomos a uma escola pública, que fica localizada, na cidade de Jericó-PB. A escolha desta escola deu-se com base em já termos um conhecimento prévio sobre a mesma, e por conseqüente esta ser de livre acesso, por conter um grande número de alunos e por ter a fama de ser a melhor escola do município. Optamos pela turma do 2º ano do Ensino Fundamental I, por pensar que como o trabalho é sobre leitura, nada melhor que procurarmos subsidiarmos nossa pesquisa nos anos iniciais da aprendizagem escolar, onde, as crianças estão em pleno desenvolvimento e conseqüentemente a atividade de aprendizagem da leitura ser constante nesses anos iniciais.

A turma do 2º ano tem 35 educandos, com idades que variam entre 7 e 9 anos. Estes educandos são orientados por duas interventoras, que como tal, tem

a responsabilidade de detectar de maneira individual as possíveis dificuldades na aprendizagem da leitura, e com base, na reflexão se for o caso redirecionar sua prática, pois sabemos que os anos iniciais do Ensino Fundamental, se bem explorados pedagogicamente, tornam-se base de sustentação para as séries que se seguem. Observamos em um primeiro contato, que os alunos desta turma são muito enérgicos e bastante eufóricos, causando impaciência nos educadores.

Nessa instituição do saber, além do livro didático e alguns jogos específicos, há também um pequeno acervo de livros diversificados organizados em uma sala bem aconchegante que induz o educando a escolha de diferentes gêneros textuais. A escola promove semanalmente reuniões pedagógicas entre diretora, supervisora e professores. O planejamento é feito quinzenalmente, sendo uma supervisora específica ao fundamental I e outra para o fundamental II. Bimestralmente são realizadas reuniões com os pais para a análise do desempenho dos educandos, este procedimento sendo adotado em favor de uma prática pedagógica diferenciadas ao bem estar da comunidade escolar.

Assim, constatamos que esse momento da caracterização da escola foi de suma importância, servindo como base para nossa pesquisa. Neste sentido, não bastaria a nosso ver, que fôssemos apenas a escola obter as primeiras informações sobre o campo da pesquisa, teríamos que nos inteirarmos em um segundo momento das teorias que embasam a observação e a entrevista já que este processo é que subsidiariam a concretização da eminente pesquisa.

Com isso, analisamos o que afirma Lüdke e André (1986) e Neto (1994) sobre observação e entrevista. Entendemos que, primeiramente no processo de observação teríamos que especificar o objeto a ser estudado, refletindo, assim, sobre, como e quando se daria esta observação em sala de aula. A observação proporcionará ao observador abstrair e registrar informações importantes para o pesquisador, pois, viabilizará aspectos prioritários para a segunda fase da pesquisa, que será a entrevista semi-estruturada.

De acordo com Lüdke e André (1986) o pesquisador após inteirar-se da observação terá que estar por dentro teoricamente dos aspectos que norteiam a entrevista. Com isso, enfatizamos aqui a importância do pesquisador participante, pois o mesmo na medida em que engajar-se na pesquisa, tem em si o domínio do objeto de análise, atuando ativamente sobre princípios éticos, tomando o cuidado de não influenciar ou reprimir os sujeitos da pesquisa.

Nesta perspectiva, após observação sobre o objeto de estudo, poderemos diferenciar o tipo de padrão na entrevista, que esteja condizente com o perfil do sujeito. A entrevista semi-estruturada é mais flexível, sendo a que mais se adéqua na abordagem educacional, com isto, é a que foi utilizada nesta pesquisa.

É necessário, portanto, que o pesquisador tenha conhecimento dos aspectos teóricos da entrevista, para não cometer erros durante a mesma. Tendo em mente, o domínio sobre o conteúdo da pesquisa, respeitando os horários estipulados não induzindo ou forçando respostas durante a entrevista, promovendo uma intervenção e um diálogo, aparentemente, descontraído.

Logo, entendemos durante nossas reflexões, que devemos como profissionais da educação termos compromisso assíduo, uma vez que, a entrevista proporcionará a obtenção de informações fiéis, pois, o pesquisador vai estar frente a frente com o sujeito da pesquisa, aqui no caso alunos do 2º ano do Ensino Fundamental.

### 3. O cotidiano da sala de aula na compreensão de educandos.

Sabemos o quanto é vasto, alegre, descontraído e espontâneo o mundo imaginário das crianças, que se reflete de forma simples e clara em situações diversas, experienciadas, por vezes, em uma busca constante pelo tal conhecimento que se oferta nas salas de aulas. Entendê-las, compreender suas fazes, adequando situações de aprendizagem que vão de encontro as suas origens e conseqüentemente as suas limitações, para que se induza a aquisição do conhecimento, é tarefa que exige do educador um olhar amoroso, respeitoso, reflexivo e comprometido para com esses educandos.

Pensando nisso, as crianças possuem uma

Natureza singular, que as caracteriza como seres que sentem e pensam um mundo de um jeito muito próprio. Nas interações que estabelecem desde cedo com as pessoas que lhes são próximos e com o meio que as circundam, as relações contraditórias para compreender o mundo em que vivem, as relações contraditórias que presenciam e, por meio das brincadeiras, explicitam as condições de vidas a que estão submetidas e seus anseios e desejos. (Texto adaptado do documento "Política nacional de Educação Infantil". MEC/SEF/DPE/COEDI, dez/1994, p. 16 – 17).

De fato, qualquer trabalho que se destine a ir de encontro à realidade das crianças, torna-se prazeroso, uma vez que, estas espontaneamente se envolvem de tal forma que deixam a curiosidade se exaurir, deixando o ambiente divertido e prazeroso. Situação que se sucedeu na busca da concretização da pesquisa sobre a interrelação professor/aluno no processo de aquisição da leitura.

Mesmo que de forma elementar, algumas relações de interações cotidianas dentro do ambiente da sala de aula e aqui elencadas, mostram que os educandos, impõem suas opiniões acerca das indagações (*vide* Apêndice A). E assim seguimos cada questionamento a fim de coletarmos informações. Iniciamos a entrevista perguntando: Você se sente bem na escola?.

Para as crianças, aqui denominadas aleatoriamente nesse contexto da pesquisa, de Izabel, Ana, José, Thiago, Paulo e João. "A escola é um ambiente muito bom", nesse sentido, todos disseram que "Sim", que gostavam da escola. Além desse "sim" como resposta a nossa indagação, observamos também

diferentes tipos de expressões faciais de alegria e descontração na hora em que Ana respondia as perguntas e por falar sem demora da vontade de vir para escola, da felicidade de usar farda e a bolsa com os materiais para estudar, como também, da vontade de aprender e de brincar.

As respostas desses educandos demonstram que as crianças depositam confiança na instituição escolar, e que se sentem bem nesse ambiente. Sabemos que grande é a expectativa das crianças para com o início das aulas, elas enchem-se de entusiasmos para comprar seus materiais, para conhecer sua escola, sua sala e sua professora. São grandes os momentos de expectativas e ansiedades que a escola causa nas crianças e que conseqüentemente se não forem bem experienciados, estes momentos pelos educandos, poderão ser causadores de frustrações.

Percebemos isso claramente em Queirós (1997, p. 30) quando afirma:

Cheguei de uniforme novo costurado pelo carinho de minha madrinha. O caderno era avante, com um menino bonito na capa, sustentando uma bandeira com um Brasil despaginado pelo vento. Menino rico, forte, com sapatos e meias soquete. O estojo de madeira estava completo: dois lápis, Joham Faber com borracha verde na ponta e mais um apontador de metal. Um copo de alumínio, abrindo e fechando como o acordeom de Mário Zan, completava as exigências da escola. Só minha cabeça andava aflita para esquecer. E esquecer é não existir mais. Isso não é tarefa fácil para quem aprendia em liberdade, escolhia pelo prazer, guardava pela importância.

Entendemos que a escola apesar do estigma do fracasso escolar, ainda é vista pelas sociedades, como aquela que garantirá um futuro melhor para a vida. Essa ideologia é implantada pelos pais nas crianças, logo nos seus primeiros anos de estudo, e esses vão idealizando e criando expectativas diversas que por sua vez podem ir ou não de encontro com a postura do educador, o que poderá ocasionar possíveis conflitos na sala de aula.

Quando indagamos aos participantes da pesquisa se eles gostam de ler e se a professora incentiva a leitura, imediatamente responderam "que gostavam de lê", diversificando as respostas apenas no modo de incentivo da professora para com a leitura.

Sendo assim, João com um olhar firme e sem se mexer na cadeira mostrava-se seguro na resposta quando afirmou que sua professora

[...] mandava que lesse as sílabas que estavam no livro [...]

[...] a professora educa para ler o livro [...] (Thiago)

Thiago, no momento da entrevista, mostrava-se quieto, com um olhar distante, deixando transparecer certa timidez. Outros depoimentos, entretanto, não demonstravam timidez, mas enfatizavam a compreensão de que a professora

[...] mandava que lesse o alfabeto. (Paulo e Izabel)

[...] manda ler as vogais. (José)

[...] manda fazer a leitura das palavras. (Ana)

Podemos observar, nesses depoimentos que há um incentivo da professora para com a leitura, porém, notamos que não há uma diversificação de técnica de ensino. Aqui nós percebemos que a aprendizagem da leitura vai da assimilação das vogais para o alfabeto, sílabas e palavras, o que é normal visto que caracteriza a metodologia tradicionalista de ensino. Mas, o processo de ensino e aprendizagem da leitura por educadores e educandos vai além da codificação e decodificação de letras, sílabas e palavras isoladas, uma vez que, este processo envolve muito mais do que o momento da sala de aula, pois, sabemos que as crianças trazem muito de seus lares para a escola, e isso, instiga atitudes diversas e por vezes contraditórias no ambiente escolar.

Segundo Martins (1994), decodificar sem compreender é inútil, compreender sem decodificar, impossível. Há que se pensar na questão dialeticamente. Percebemos ao longo dos anos, que há uma grande preocupação na área educacional em torno das melhorias de ensino da leitura nos anos iniciais. Com isso, vários são os materiais impressos e lançados no mercado, que o professor pode se deleitar na busca do aprimoramento da sua prática.

Nesse sentido, os educadores têm a tarefa de unir a história de vida dos alunos com a realidade escolar, afim de que, se concretize uma prática de ensino que instigue a compreensão da leitura em diferentes contextos.

Segundo Terzi (1995, p.35)

O fator social reflete-se, também, na construção de um conceito para a leitura. Como as crianças de meios não-letrados não aprenderam a ler na interação com o adulto, nos anos pré-escolares, elas têm como única opção a incorporação do conceito de leitura expresso pelas práticas das professoras.

De acordo com o pensamento mencionado, a importância do compromisso e da responsabilidade do educador para com o educando é essencial no processo de assimilação da leitura. Processo este complexo, que pode desencadear em comportamentos adequados ou aversivos a prática de leitura. Neste sentido, indagamos aos participantes: o que você sentiu quando começou a ler as primeiras palavras? Isto, a fim de entendermos um pouco dos seus sentimentos em relação à leitura.

Em um primeiro momento, observamos expressões contraditórias de neutralidade e euforia. Sendo assim, Paulo, Thiago e José em suas falas, não souberam expressar verbalmente o que sentiram ao ler as primeiras palavras, pareciam nervosos, impacientes, como se para falarem dos seus sentimentos fosse difícil. Já Izabel, João e Ana, disseram que gostaram muito, que sentiram alegria, vontade de ler e copiar palavras. Eles demonstraram entusiasmo com relação à conquista da leitura das primeiras palavras.

Por outro lado, o momento de indagação em relação a algo que lhe é próprio – seus sentimentos – várias posturas são reveladas, uma vez que, há crianças inibidas, extrovertidas e descontraídas, enquanto que há outras tímidas e silenciosas, que é natural a ocultação ou liberação de expressões de sentimentos diferenciados.

Porém, o que queremos enfatizar aqui é como transformar o ambiente escolar, em um ambiente aconchegante desprovido de tensão, em que educandos possam aprender de forma descontraída sem medo de se expressar. Martins (1994, p.15 a 16) cita uma experiência quando diz

Fiquei louco de alegria: eram minhas aquelas vozes secas em seus pequenos herbários, aquelas vozes que meu avô dominava com o olhar, que ele ouvia e eu não! Eu iria escutá-las, encher-me de discursos cerimoniais e saberia tudo.

Desse modo, a atividade de leitura, constitui-se numa interação entre sujeitos, interação esta que se dá através de um conhecimento prévio do que está escrito, do entendimento individual e do repasse da compreensão. A mesma favorece a ampliação de informações do leitor, bem como de sua competência discursiva, tornando-se um instrumento de poder para aqueles que têm acesso.



Nesta perspectiva, buscamos observar como ocorre o reforço da aprendizagem da leitura no ambiente familiar, surgindo desta forma a seguinte incógnita, seus pais gostam de ler? Eles costumam ler para você? Para estas indagações obtivemos as seguintes respostas:

[...] Não. (Izabel)

[...] gostam sim. (Ana)

[...] gostam sim, eles ler a tarefa para mim. (José)

[...] gostam, sim quando eu peço para eles. (Paulo)

[...] só a minha mãe, o meu pai não sabe ler, a minha mãe lê a leitura para mim. (João)

Quando falamos em um momento anterior sobre a importância de levarmos em consideração a bagagem cultural dos educandos, é interessante voltarmos a sala de aula, a fim de vermos, como esse princípio de partir da realidade do aluno é vivenciado, para que se alcance uma aprendizagem realmente significativa.

O que pudemos observar é que a leitura só é incentivada em casa quando a criança pede e que não saber ler se constitui em uma maior dificuldade no acompanhamento de atividades fora da sala de aula. Recai sobre a mãe uma maior cobrança com relação ao acompanhamento dos filhos na escola e esta, por sua vez, envolvida em tantos afazeres, transfere esta responsabilidade para o educador que passa a exigir mais do educando. Percebemos claramente esse fato em Terzi (1995, p.35) quando afirma:

Ao contrário das crianças das classes mais altas que vão, desde muito cedo, se apropriando da escrita e que, ao chegarem à primeira série, já têm como um elemento natural, constitutivo de seu cotidiano, as crianças de classes menos privilegiadas vêem na escrita um elemento estranho que sabem que vão estudar na escola, mas para cujo estudo percebem muito pouca utilidade.

Na visão desse teórico, o convívio familiar influencia de maneira imediata o processo de ensino-aprendizagem. A maioria dos educandos de escolas públicas é de nível socioeconômico baixo, suas péssimas condições de vida aliado a outros fatores afetivo-emocionais, pode provocar no educando distração e repulsa a aprendizagem sistematizada.

Quando questionamos os participantes da pesquisa sobre o tipo de contato que tinham com outros materiais de leitura cinco alunos responderam que não e apenas uma aluna respondeu que sim.

Percebemos na resposta negativa dos cinco alunos, segurança ao enfatizarem a exploração do livro didático, mencionaram que quase todos os dias liam a leitura do livro, eles estavam alegres e demonstravam gostar. Por outro lado, a colega que disse “sim”, também estava segura na resposta e disse que a professora além das leituras do livro didático trazia também outros livros de historinhas que tinha na sala de leitura.

É notório pelas falas apresentadas, que o educador não trás para estes educandos outros tipos de gêneros textuais, o que pode tornar as aulas monótonas, embora a aluna afirme que este tipo de atitude é realizada pela professora. Nesse sentido, entendemos que o processo de ensino-aprendizagem da leitura nos nossos dias, revela-nos que este se dá por meio de uma prática pedagógica, por vezes retrógrada, fora do contexto e da realidade do aluno, fato este que tem relação direta com o insucesso escolar.

Com essa compreensão, faz-se necessário trazeremos para as salas de aulas, textos reais dentro do contexto de vida dos alunos, bem como, mostrar a relação de interdependência que há entre leitura e escrita, conscientizar as crianças da importância de saber e poder ler e, por fim, aumentar a percepção do aluno acerca do que está além do texto. Vale salientar que para tanto, torna-se necessário, principalmente por parte do professor, a determinação a vontade e o empenho de querer mudar a prática, pois diante da complexidade que é o processo pedagógico, é imprescindível a constante avaliação da sua forma de ensinar, para que, assim, as suas ações sejam direcionadas de forma a concretizar resultados positivos e gratificantes.

## Considerações Finais

Ao realizarmos esta pesquisa, percebemos o quanto é importante ressaltar o estudo e incentivo a leitura, favorecida em uma aprendizagem descontraída, com base no diálogo. Desta forma, desde os primeiros anos de escolaridade torna-se essencial despertar o gosto pela leitura, ao passo da conscientização das crianças, de que bons leitores desenvolvem sua competência crítica para alcançar seus objetivos e, assim, viabilizar uma auto-formação enquanto sujeitos pensantes e construtores de idéias significativas.

Neste sentido, a escola deve ser considerada uma fonte produtora de conhecimento que amplie os conhecimentos dos alunos, em vez de induzi-los a serem meros recebedores de informações restritas, prontas e acabadas, como os livros didáticos impõem. Torna-se necessário que os educadores busquem aprimorar a sua prática educativa, refletindo sobre seu modo de intervir em sala de aula, ou seja, seu modo de julgar aprendendo a conhecer para assim agir significativamente, enfatizando positivamente a relação professor/aluno nos momentos da aprendizagem da leitura nos anos iniciais (objeto de nossa pesquisa), em vista a proporcionar nas crianças vontade de aprender a ler e continuar lendo mais e mais.

Por esse viés, almejamos como profissionais reflexivos alcançar melhorias na qualidade do ensino da leitura nos anos iniciais e o trabalho coletivo entre escola, professor, aluno e comunidade com vista a melhorar o ensino da leitura. De acordo com as falas dos participantes da pesquisa sentimos e necessidade de um maior entendimento acerca de como ocorre à prática da leitura em sala de aula e em casa.

Ressaltamos a importância de envolvermos os alunos em diferentes eventos de leituras para que possam desenvolver o gosto e a capacidade de ler para além das atividades conteudistas, vivenciadas em sala de aula. Por isso, é de suma importância, considerarmos as experiências vividas por diferentes alunos, oriundos de diversos espaços, pois só assim, tornamos a leitura um momento de novas descobertas, de deleite e, sobretudo, aquisição dos conhecimentos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, Myrtes. **Formar professores para uma nova escola**. In: QUELUZ, Ana Gracinda. (org). **O Trabalho Docente: teoria e prática**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

BARBOSA, Raquel Lazzari Leite. **Trajetórias e perspectivas da formação de educadores**. – São Paulo: Editora UNESP, 2004.

Deslandes, Suely Ferreira. Neto, Otávio Cruz. Gomes, Romeu. Maria Cecília de Sousa Minayo (organizadora). **Pesquisa social: Teoria, Método e criatividade**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

FERREIRO, Emília: **Reflexões sobre alfabetização**. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 1992.

LEMLE, Miriam. **Guia Teórico do alfabetizador**. Série Princípios. São Paulo, Ed. Ática S.A, 1987.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** (Coleção primeiros passos, 19ª ed. Brasiliense – São Paulo, 1994).

MENGA, Lüüdke e Marli E. D. A. André. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas** – Editora pedagógica e universitária. LTDA, São Paulo, 1986.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Foram muitos, os professores**. In: ABRAMOVICH. **Meu Professor inesquecível: ensinamentos e aprendizados contados por alguns dos nossos melhores escritores/organização de Fanny Abramovich** – São Paulo: Editora Gente, 1997.

**Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil/ Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental** – Brasília: MEC/SEF, 1998.

TERZI, Sylvia Bueno. **A construção da Leitura: uma experiência com crianças de meios iletrados/Sylvia Bueno Terzi** – Campinas-SP: Pontes, Editora da Unicamp, 1995.

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
BIBLIOTECA SETORIAL  
CAMPUS - ANÁPOLIS

## APÊNDICE A

### Roteiro da entrevista

- 01 – Você se sente bem na escola?
- 02 – Você gosta de lê? Sua professora incentiva a leitura? Como?
- 03 – O que você sentiu quando começou a ler as primeiras palavras?
- 04 – Seus pais gostam de ler? Eles costumam ler para você?
- 05 – Na escola, você tem contato com outro tipo de leitura?